

Collor ignora projeto que impõe austeridade em 90

Brasília — Wilson Pedrosa

BRASÍLIA — O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, prega a moralização do governo, mas não sabe que poderá ter, se eleito, um instrumento capaz de instaurar a austeridade no país em 1990. Collor não leu nem consegue citar um só ponto do projeto de lei de diretrizes orçamentárias que o Congresso deverá votar hoje. “Não conheço o projeto, mas se foi feito pelo deputado José Serra (PSDB-SP) deve ser bom”, respondeu ao ser perguntado sobre o plano que restringe gastos do governo, limita contratações e elimina mordomias.

Collor ironizou os candidatos do PL, deputado Guilherme Afif Domingos, e do PCB, deputado Roberto Freire, que começaram a conversar sobre a formação de uma frente para combater a candidatura de Collor e, através da apresentação dos respectivos programas de governo, mostrar que o candidato do PRN é, segundo eles, inconsistente. “Essa frente é muito perigosa, pois vai juntar o 1% ao 0,5%”, disse, referindo-se aos índices de popularidade de Afif e Freire nas pesquisas de opinião.

O candidato desafiou os adversários a apresentarem seus programas. “Até agora, o único que apresentou propostas claras e até polêmicas fui eu”, disse. Sobre as críticas que vem recebendo sua proposta de retirada do aval da União dos empréstimos negociados no exterior por estados e municípios, Collor assegurou que “partem de quem não conhece a fundo a proposta” e prometeu enviar uma explicação a cada crítico.

Autocrítica — Ao anunciar o lançamento, hoje, do Movimento Popular Collor de Mello, o candidato do PRN disse que deixará de lado o trabalho de administrar adesões a sua candidatura, trabalho a ser coordenado agora pelo candidato a vice, senador Itamar Franco, presidente do Movimento. Collor até há pouco tempo recusava apoios abertamente — fez isso com o general Newton Cruz e com os senadores Olavo Pires, Carlos Alberto e Carlos Alberto De Carli —, mas resolveu voltar atrás.

“Isso estava me criando situações no mínimo constrangedoras e eu não estou aqui para julgar ninguém”, explicou. Collor, na verdade, aceitou conselhos de sua assessoria política, que teme que as recusas criem zonas de atrito prejudiciais à campanha. O candidato disse que aceita alianças, mas continua repudiando “os conchavos”.



Collor levou Zélia para o almoço com os embaixadores